

***A IDADE DO SERROTE*, DE MURILO MENDES: A ESCRITA DA MEMÓRIA COMO RIZOMA TEXTUAL**

Angie Miranda Antunes *

Fernando Fiorese **

RESUMO

Em *A idade do serrote* (1968), o poeta Murilo Mendes acopla poesia e prosa para engendrar um texto fragmentário, labiríntico e multiforme, no qual desvela-se a analogia entre o funcionamento do aparelho mnemônico e a máquina hipertextual. Enquanto rizoma textual, a escrita da memória se caracteriza pelos *links* e enlaces que realizam o trânsito entre espaços, tempos e *personae* virtuais.

Palavras-chave: Memória; Hipertexto; Rizoma; Murilo Mendes; A idade do serrote

EM TORNO DO HIPERTEXTO

Oriunda do verbo latino *tēxō, -is, -ēre, textūī, textum*, com o sentido de coisa a ser tecida, entrelaçada ou tramada, a palavra “texto” comporta o que podemos chamar de tessitura, arranjo e rearranjo, um verdadeiro entrecruzamento de significantes, significados e referências. Conceitualmente, o vocábulo “hipertexto” contém a definição apresentada anteriormente e trata-se de uma transformação há muito antevista e desejada. Em *O virtual e o hipertextual* (1999), André Parente esclarece que coube ao filósofo e sociólogo norte-americano, Theodore Nelson, pioneiro da Tecnologia da Informação, primeiro recriar a própria Biblioteca de Alexandria, denominando-a Projeto Xanadu (1960) – uma rede de computadores de interface simples –, para depois cunhar os termos “hipertexto” (*hypertext*) e hipermídia (*hypermedia*), conforme constam no livro publicado em 1965¹. O hipertexto, ainda segundo Parente, será definido por Nelson como “um texto de dimensões cósmicas, informatizado, contendo todos os livros, incluindo imagens e sons, acessível à distância e navegável de forma não-linear” (PARENTE, 1999, p. 73).

* Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/UFJF.

** Professor Orientador da Faculdade de Letras - UFJF.

Endereço profissional do professor orientador: Faculdade de Letras/UFJF - Rua José Lourenço Kelmer, s/n – Campus Universitário - Bairro São Pedro – Juiz de Fora/MG – 36036-900. Email: fernando.fiorese@acessa.com.

¹ Atribui-se também a Nelson a invenção das palavras “transclusão” (*transclusion*), “virtualidade” (*virtuality*) e *transcopyright*, dentre outras.

Corroborando a nossa assertiva, Alberto Navarro, no ensaio “Espacio y tiempo en la narrativa hipertextual”, ressalta que as novas tecnologias e suportes de comunicação vêm transformando as coordenadas de espaço e tempo do universo social (NAVARRO, 2004). Como um destes suportes, o hipertexto proporciona ao leitor experimentar as dimensões espaço-temporais de modo próprio e irrepetível, pois a constituição do hipertexto através de seus nós e enlaces permite a cada indivíduo decidir o seu próprio itinerário. A ideia de rede tornou-se um paradigma fundamental no século XXI, tanto que as relações – sejam elas sociais, econômicas, políticas, comunicacionais etc. – adquiriram um aspecto integral e interativo, indicando uma cooperação plurilateral. Assim, a interatividade que fundamenta os modos e manobras da operação hipertextual permite uma maior permeabilidade de informações e ideias, o que reafirma o vigor da influência deste na mentalidade e nos comportamentos do homem contemporâneo.

Em *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia, os teóricos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari apresentam três formas do pensamento e adotam o livro como exemplo (cf. DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 11-15). Trata-se de retirar do livro a finitude das margens, atribuindo-lhe um sistema aberto em que não se pode mais apontar as fronteiras entre mundo, escritor e leitor. Há no livro as setas de convergência e escoamento que o tornam outro a cada momento. A noção de intertextualidade permitiu a conscientização da abertura do texto. Além da abertura para as possíveis conexões feitas pelos leitores, esta noção traz a ideia de que um texto é constituído por outros textos. Leitor e escritor deixam os papéis de receptor e produtor e se respaldam nos variados signos inseridos (ou não) no mundo, na construção de sentidos.

De acordo com os pensadores franceses, a noção de **rizoma** pode ser compreendida a partir das seis características aproximativas a seguir enumeradas (cf. *Ibidem*, p. 15-21). Os dois primeiros princípios do rizoma são a conexão e a heterogeneidade, uma vez que qualquer ponto de tal forma pode e deve ser conectado a outro ponto, propiciando origens diversas a cada retomada. A multiplicidade seria o terceiro princípio, pois o rizoma não teria nem sujeito nem objeto, mas grandezas que, na medida da mudança de tamanho, altera-se também a sua natureza, ampliando-se a quantidade de pontos de conexão. O quarto princípio, ruptura, aponta para a possibilidade de o rizoma ser rompido ou retomado em qualquer ponto, sem qualquer prejuízo em seu funcionamento. Tanto as linhas de segmentariedade quanto as de desterritorialização remetem umas às outras, engendrando a multiplicidade inerente à forma rizomática. Os princípios de número cinco e seis são denominados, respectivamente, cartografia e decalcomania e consistem no fato de um rizoma não poder ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Cartografia porque o rizoma se assemelha antes a um mapa por possuir várias entradas e levar a múltiplos caminhos, construídos de acordo com a necessidade e o desejo. Quanto ao decalque, o rizoma se aproxima de sua essência não por ser uma cópia da matriz, pois o decalque transforma o rizoma em imagem e se reproduz. Dos mapas, o decalque só reproduz os bloqueios ou os pontos de estruturação (cf. *Ibidem*, 1995, p. 15-23)

Considerando-os como realizações do rizoma, tanto o livro quanto o hipertexto são engendrados em “platôs”, noção definida por Deleuze e Guattari como “toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma” (*Ibidem*, p. 33). Desta forma, enquanto a forma árvore do **livro-raiz** impõe uma hierarquia através do verbo “ser”, as realizações rizomáticas estão sempre no meio, tendo “como tecido a conjunção ‘e... e... e...’” (*Ibidem*, p. 37).

MODOS E MANOBRAS DA MEMÓRIA

A linguagem busca, nos objetos e fenômenos mais cotidianos, metáforas capazes de traduzir ou avizinhar-se da descrição do funcionamento da mente humana. Entre as aproximações mais frequentes,

figuram as invenções e processos maquínicos. Desde a placa de cera de Platão até os computadores de nossa era, a linguagem prosaica se funde às teorias filosóficas e psicológicas com o intuito de desvelar os modos e manobras da lembrança e do esquecimento, recorrendo muitas vezes aos métodos e técnicas que utilizamos no registro, armazenamento e reprodução de dados e informações.

As diferentes metáforas proveem das mais diversas perspectivas, refletindo o “clima intelectual” (DRAAISMA, 2005, p. 23) de uma determinada época. As máquinas capazes de raciocínio lógico figuram como metáforas do funcionamento da memória desde fins do século XVI, quando ampliou-se consideravelmente a necessidade de aplicação da matemática na atividades do comércio internacional. As revoluções industriais iniciadas na travessia do século XVII ao XIX e o avanço das pesquisas acerca do sistema nervoso, bem como os aprimoramentos das primeiras máquinas de calcular no decorrer dos novecentos, ensejaram tanto a busca contínua pela inteligência artificial quanto as diversas figurações digitais da memória. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a necessidade de meios seguros de transmissão de dados e informações secretas e de recursos de precisão para as operações bélicas determinaram o investimento maciço em pesquisas que culminariam no rápido progresso da computação e da cibernética.

Além de oferecer vasto campo semântico à psicologia da memória, o computador passou de simples metáfora a instrumento que, através de métodos e técnicas de programação, possibilita a simulação dos processos cognitivos. De qualquer forma, ainda no campo metafórico, foi possível uma separação entre **corpo** e **espírito** em processos físicos e psicológicos, denominados *hardware* e *software*, respectivamente. Contudo, nos anos 1970, as teorias acerca das redes neurais e da construção de computadores chegaram ao consenso de que os processos psíquicos seguem rumos menos retilíneos e mais equívocos do que se presumia. Na verdade, intuições e suposições desempenhavam papéis iguais aos das deduções lógicas. O advento das teorias conexistas culminaria na explicitação do funcionamento das redes neurais. Sob uma ampla perspectiva, qualquer rede neural pode ser chamada de memória uma vez que a configuração das conexões e suas forças mudam em função da experiência. O acesso à memória ocorre em camadas funcionais, sendo as mesmas denominadas “de entrada”, responsável por receber os estímulos; “de execução”; e um ou mais estratos “ocultos”, que mantém a conexão entre os níveis de entrada e saída. Dessa forma, o conhecimento acerca das redes neurais permite a aproximação mais apurada entre memórias artificiais e a memória humana.

ESCRITA DA MEMÓRIA, RIZOMA TEXTUAL

O hipertexto se assemelha ao rizoma e às redes neurais, pois os três possuem a forma de uma rede repleta de junções – sejam *links*, nós ou sinapses –, a partir dos quais se ligam por linhas de articulação a outros pontos de contato, possibilitando inúmeras abordagens ou formas de acesso, uma vez que as conexões entre diversas junções permitem caminhos diferentes a cada retomada.

Essa noção de rede acentrada, que não busca uma totalidade, permite o desvelamento das características rizomáticas e hipertextuais da obra de Murilo Mendes intitulada *A idade do serrote* (1968). As diferentes vias de acesso, a partir das quais um ponto de conexão pode se desdobrar em outra rede, possibilita surpreender similaridades entre os modos de textualização da memória e as operações múltiplas advindas da hipertextualidade. É perceptível que os princípios rizomáticos descritos por Deleuze e Guatarri se fazem presentes tanto na totalidade da obra de Murilo Mendes quanto nos seus fragmentos.

A seção intitulada “Origem, memória, contato, iniciação”, cujo formato se assemelha menos à introdução de um livro do que a uma lista de endereços eletrônicos num portal de busca, propicia

a experiência do **princípio de conexão** do rizoma, pois, selecionado um ponto, o mesmo funciona como “entrada” para outro ponto da rede textual. Assim, a primeira entrada “O dia, a noite” remete ao texto bíblico “Gênesis” e às referências a Adão e Eva, que, por sua vez, nos levam às memórias dos pais, “descendentes” do casal primeiro. Além de ser encontrado ao longo da obra, como no exemplo anterior, o princípio da conexão pode estar em um único fragmento, tal é o caso de “Etelvina” – “Aparentemente tudo principiou com Etelvina”, que era “toca e santuário”: o fogo, as palavras, música e ritmo. Dentre os muitos ensinamentos propiciados por esta ama de leite, estão as noções das cores preta e branca, reiteradas respectivamente pelas palavras “profundezas”, “noite”, “escuro”, “medo” e “leite”. Além de apresentá-las separadamente, a ama de leite mostrava as possibilidades de junção, assim como a necessidade de afastamento: “Etelvina implicava síntese da cor e ausência da cor” (MENDES, 1968, p. 11).

No que se refere à conexão com a própria origem, além dos pais, de Etelvina e das referências bíblicas, o narrador refere a importância da memória:

Nasci oficialmente em Juiz de Fora. Quanto à data do mês e ano, isto é da competência do registro civil. Não me vi nascer, não me recordo de nada que se passou naquele tempo. Na verdade, nascemos a posteriori. No mínimo uns dois anos depois. Mesmo porque, antes era o dilúvio (*Ibidem*, 8).

Desta forma, observa-se a conectividade do todo e das partes da obra, que tem como subtítulo “Memórias”. Tal palavra plural anuncia uma escrita constituída por experiências diversas e distintas no tempo e no espaço, figurando o **princípio da heterogeneidade** rizomática. São necessárias três vivências para compor a lembrança: um hospital na juventude do narrador e a Catedral de Chartres vista na idade adulta se misturam, recebendo ainda a interferência do homem maduro que escreve tal relato.

No que concerne ao **princípio da multiplicidade** do rizoma textual muriliano, cite-se como exemplo a referência às “notícias de Eros” que o narrador “captava com o ar mais sonso do mundo” (*Ibidem*). A narrativa da iniciação sexual demonstra que, quando as grandezas mudam de tamanho, mudam também de natureza e, por consequência, multiplicam-se os pontos de conexão. No primeiro ponto, a investida de Dona Coló causa repulsa ao menino de dez anos: “Repeli-a com a maior violência. Não por virtude, mas por nojo.” (*Ibidem*, 37). A “amizade amorosa” de Cláudia inaugura um segundo ponto de conexão, a partir do qual o narrador deriva para todos os amores futuros, configurando-a como “uma colagem de tipos de mulher que me (lhe) atraíam e me (lhe) atraíam depois” (*Ibidem*, 66). De modo diverso, embora próximo, Cláudia encerra uma outra sexualidade, vinculada a afinidades – literatura, música, questionamentos. Mais adiante no livro – mas não no rizoma, uma vez que neste o tempo não se configura linearmente –, outra mulher, Teresa, desperta “inclinação erótica” no menino-adolescente. Juntos descobrem carícias e o jogo do amor: “Mas não é o amor uma representação teatral?” (*Ibidem*, p.147).

Ainda com as “notícias de Eros”, temos a possibilidade de interromper e retomar a navegação pelo rizoma sem qualquer prejuízo. Elucidando o **princípio da ruptura**, a figura de Asta Nielsen compõe lembranças que principiam em Juiz de Fora, cidade de origem do narrador, e o acompanham em suas investidas na descoberta de signos cinematográficos. A atriz representa algo fora do comum: “O avanço de Asta Nielsen na tela equivalia a um tiro de revólver numa situação acadêmica, na vida corrente, prevista” (*Ibidem*, p. 106).

Para exemplificar o quinto princípio de funcionamento do rizoma – a **cartografia** –, pode-se recorrer a algumas das diversas descrições da cidade de Juiz de Fora feitas pelo narrador. Desde

referências acerca do modo de viver – “Juiz de Fora naquele tempo era um trecho de terra cercado de pianos por todos os lados” (p. 61) – até às caracterizações históricas da “Manchester Mineira” das primeiras décadas do século XX, o rizoma textual muriliano nos permite acessar a cidade e, conseqüentemente, suas memórias por diferentes entradas. No fragmento “A rua Halfeld”, o próprio narrador admite a impossibilidade de formatar o rizoma textual: “Escrevo sobre a rua Halfeld sem situá-la no espaço, ocupando-me somente com as pessoas que a percorrem” (*Ibidem*, p. 144). Apesar de apresentar modos atemporais e atópicos, o rizoma não perde a conectividade de seus nós. As “águas melancólicas” (*Ibidem*, p. 147) do rio Paraibuna, por exemplo, são mencionadas em diversas seções, bem como a protuberante industrialização da cidade.

A **decalcomania**, sexto e último princípio rizomático, está relacionada de maneira intrínseca com o da cartografia, pois, apesar de não podermos delinear o rizoma, podemos reproduzi-lo ao infinito. O olho que se anuncia precoce, mira diversas direções, constantemente em busca de novidades. “Cedo comecei minha fascinação pelos dois mundos, o visível e o invisível” (*Ibidem*, p. 170). A repetição do modo de olhar não limita o rizoma textual, apenas direciona enquanto multiplica *ad infinitum*: meninas, mulheres, amigas, operárias, atrizes. “Confesso que uma boa parte desta minha incipiente diligência cultural baseava-se no interesse pela mulher...” (*Ibidem*).

CONCLUSÃO

Os seis princípios de funcionamento de um rizoma definidos por Deleuze e Guatarri podem ser detectados em um único fragmento, tal como naquele que o poeta intitula “A lagartixa” (*Ibidem*, p. 109-111). A partir de observações acerca do “pequeno sáurio” num jardim romano, engendra-se um pensar que se mostra a mercê do devir. “Falando lagartixa” fala “infância” e também “adolescência, mocidade, madureza e próxima velhice” que, por sua vez, fala “figura feminina”. Este tom próximo ao relato oral permite acompanhar tanto o vaguear mnemônico quanto as **conexões** feitas pelo narrador. A repetição do vocábulo lagartixa por diversas vezes (**decalcomania**) implica, a cada aparição, uma outra forma de acesso às memórias do narrador (**cartografia**). O desvelar de formas, a passagem do tempo, a diversidade comportamental entre seres aparentemente semelhantes relacionam a pequena lagartixa com algo diferente, tornando-a múltipla (princípio da **multiplicidade**). A fim de compor a **heterogeneidade** desta única lembrança, é preciso lançar mão de lagartixa, carnaval, jardim, Dolores. A **ruptura** do rizoma textual pode ser mais uma vez exemplificada com as “notícias de Eros”. A inevitável presença feminina é invocada até mesmo na semelhança entre os pequenos animais e os traços comuns às “meninas chinesas”, à figura feminina capaz de fazer durar o mundo, à “namorada”, “ex-linda amiga”, “menina-moça” Dolores. Porque, na textualização da memória, vigoram a dor e a saudade, fêmeas e verticais, mesmo quando a palavra enseja recuperar o tempo, as coisas e as pessoas perdidas.

MURILO MENDES' *A IDADE DO SERROTE*: THE SELF WRITING AS A TEXTUAL RHIZOME

ABSTRACT

In *A idade do serrote* (1968), the Brazilian poet Murilo Mendes associates prose and poetry in order to engender a fragmentary text, labyrinthine and also multiform in which the analogy between the mnemonic apparatus and the “hypertextual machine” may be unveiled. As a textual rhizome the self writing might be identified by links and attachments that make possible the movements between spaces, times and virtual *persona*.

Keywords: Memory; Hypertext; Rhizome; Murilo Mendes; A idade do serrote

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Trad. Bento Prado Neto. São Paulo :Martins Fontes, 2005.

DRAAISMA, Douwe. **Metáforas da memória**: uma história das ideias sobre a mente. Trad. Jussara Simões. São Paulo: Edusc, 2005.

DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

MENDES, Murilo. **A idade do serrote**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NAVARRO, Alberto. **Espacio y tiempo en la narrativa hipertextual**. Disponível em: <<http://www.ciberkiosk.pt/ensaios/navarro/htm>>. Acesso em: 21 mar. 2004.

PARENTE, André. **O virtual e o hipertextual**. Rio de Janeiro: Pazulin, 1999.